

Metodologias Ativas De Ensino Na Educação Superior Em Turismo E Em Hotelaria A Partir Da Percepção De Docentes

*Cibelle Batista Gondim¹
Maria Isabel de Medeiros Brito²
Rafaella Soares Espínola³*

Resumo: Esta pesquisa objetiva compreender a percepção dos docentes dos cursos de Turismo e de Hotelaria da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) sobre a implementação de metodologias ativas na educação superior, identificando as dificuldades enfrentadas e os desafios, bem como, as contribuições resultantes de seu uso para a melhoria do processo de aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo exploratória com postura interpretativista. Para a coleta de dados, optou-se pela observação participante e aplicação de questionários, cuja amostra foi composta por dezessete professores. No tratamento dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo categorial. Os resultados demonstraram que as metodologias ativas contribuem com a melhoria da aprendizagem, estimulando a autonomia, participação e interação dos alunos durante as aulas. Dentre as dificuldades e desafios, constatou-se a resistência de alguns alunos aos novos métodos de ensino, a carência de infraestrutura e materiais de apoio, dentre outros.

Palavras-Chave: Metodologias Ativas; Ensino-Aprendizagem; Formação Superior; Turismo e Hotelaria; Andragogia.

Abstract: This research aims to understand the perception of professors of Tourism and Hospitality courses at the Federal University of Paraíba (UFPB) about the implementation of active methodologies in higher education, identifying the difficulties faced and the challenges, as well as the resulting contributions of its use to improve the learning process. It is a qualitative research, exploratory type with interpretative posture. For data collection, we opted for participant observation and questionnaires, whose sample consisted of seventeen professors. In the treatment of the data, the categorical content analysis was used. The results showed that the active methodologies contribute to the improvement of the learning, stimulating the autonomy, participation and interaction of the students during the classes. Among the difficulties and challenges, there was the resistance of some students to new teaching methods, lack of infrastructure and support materials, among others.

Keywords: Active Methodologies; Teaching-Learning; Higher Education; Tourism and Hospitality; Andragogy.

1. Introdução

Os avanços tecnológicos, a globalização e as transformações econômicas e socioculturais que estão ocorrendo em todo o mundo, vêm provocando incertezas em diferentes campos do conhecimento, e gerando a necessidade de mudanças de paradigmas na educação. Para melhorar o processo de ensino e aprendizagem, e promover o desenvolvimento de competências pelos estudantes que sejam condizentes com as novas exigências de formação do mercado de trabalho atual, torna-se fundamental repensar e reformular as metodologias de ensino na educação universitária (DENCKER, 2005; ABRANJA, 2008).

¹ Professora Adjunta no Departamento de Turismo e Hotelaria (DTH) da UFPB. Doutoranda em Turismo pela UFRN. Mestre em Administração pela UFPB. Graduada em Turismo pela UFPB. E-mail: cibelle.gondim@gmail.com.

² Mestre e bacharela em Administração pela UFRN. E-mail: belmedeiros@gmail.com.

³ Doutoranda em Turismo pela UFRN. Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFPB). Graduada em Turismo pela UFPB e Relações Internacionais pela UEPB. E-mail: rafaella.s.espinola@gmail.com.

Essa necessidade de reformulação educacional vem sendo discutida internacionalmente, e a adoção de metodologias ativas é considerada uma estratégia de ensino que envolve os alunos no processo de aprendizado de forma mais participativa, melhorando conseqüentemente sua capacidade de compreensão e de retenção de informações (NICOLAIDES, 2012; KONOPKA; ADAIME; MOSELE, 2015), e auxiliando no desenvolvimento de habilidades críticas e de reflexão (SOARES; ALVES; TARGINO, 2017). Com efeito, a educação voltada para adultos deve primar por condições libertadoras, que impulsionem o auto direcionamento e a autonomia nos estudantes (KNOWLES; HOLTON; SWANSON, 2005; BRANDÃO; CAVALCANTE; TEMOTEO, 2014).

No Brasil, a adoção de metodologias ativas no ensino superior já vem sendo discutida sob diferentes enfoques e em diversas áreas do conhecimento, como nas Ciências da Educação (BORGES; ALENCAR, 2014; GEWEHR et al, 2016), nas Ciências Sociais (BERBEL, 2011; ROCHA; LEMOS, 2014), nas Ciências Sociais Aplicadas (SILVA; OLIVEIRA; SILVA MOTTA, 2013; GUERRA; TEIXEIRA, 2016; SEIXAS et al., 2017), nas Ciências da Saúde (SOBRAL; CAMPOS, 2012; MITRE et al., 2008; ABREU, 2009; SOUZA; ANTONELLI; OLIVEIRA, 2016), dentre outras.

A formação superior em Turismo e em áreas diretamente correlacionadas, como é o caso da Hotelaria, vem sendo afetada pelas mudanças mencionadas, uma vez que o contexto atual que permeia o desenvolvimento da atividade turística é marcado por incertezas e relações complexas, em decorrência de diversos aspectos. Contudo, a implementação de metodologias ativas no ensino superior em Turismo e/ou em Hotelaria, pode impor à prática docente alguns desafios, além das potencialidades de mudanças significativas na forma de aprender dos discentes.

Surge a partir das considerações feitas o seguinte questionamento: quais seriam as contribuições para a melhoria da qualidade do ensino, bem como, as dificuldades e os desafios enfrentados pelos docentes dos cursos superiores de Turismo e de Hotelaria para a implementação de metodologias ativas de ensino/aprendizagem?

Face ao exposto, este estudo objetivou compreender a percepção dos docentes dos cursos de Turismo e de Hotelaria da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) sobre a implementação de metodologias ativas na educação superior, identificando as dificuldades atuais enfrentadas e os desafios futuros, bem como, as contribuições resultantes de seu uso para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

Com efeito, o desenvolvimento de pesquisas científicas voltadas para compreender a adoção e implementação de metodologias de ensino mais ativas e participativas pode contribuir

para alterações inovadoras no modo de ensinar e de aprender nas universidades (GUERRA; TEIXEIRA, 2016), sendo justificável a condução de estudos que permitam conhecer com mais profundidade esta realidade no âmbito do Turismo e da Hotelaria.

Desse modo, inicialmente são descritos os conceitos de metodologias ativas, e suas contribuições para o ensino voltado para adultos (andragogia), assim como, as dificuldades e desafios para sua implementação a partir de estudos prévios que tratam desta temática. Em seguida, são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados na condução da pesquisa de campo, a descrição e a análise dos resultados do estudo, e as considerações finais, limitações e sugestões para investigações futuras.

2. Contribuições das Metodologias Ativas para o Ensino Superior

O modelo tradicional de ensino, durante muitos séculos, teve seu foco no repasse de conteúdo pelo professor, tendo o estudante o papel de assimilar o conteúdo, sem nenhuma ação autônoma durante o processo de aprendizagem. Esse modelo, iguala todos os alunos ao mesmo nível e ao mesmo modo de aprender, sem considerar as particularidades de cada um (ROMANELLI, 1996).

Tais particularidades são percebidas na infância, mas ficam ainda mais latentes na vida adulta. Diferente da criança, o adulto não tem necessidade de controle por outras pessoas em seu processo de aprendizagem, uma vez que já desenvolveu autonomia, e ampliou sua capacidade de auto direção, trazendo consigo experiências vivenciadas anteriormente. Nesse contexto, Knowles (1975) e outros autores diferenciam os conceitos de pedagogia e andragogia, considerando esta última abordagem mais adequada para alunos adultos, buscando compreender o seu processo de aprendizagem (FERRAZ; LIMA; SILVA, 2004; KNOWLES, 1975). Andragogia é, portanto, conceituada por Knowles (1980, p. 43) “como a arte e a ciência de ajudar adultos a aprenderem”.

Como explicam Sobral e Campos (2012), as mudanças nos processos de ensino-aprendizagem são difíceis e demoradas, pois buscam romper com os modelos de ensino tradicionais. E ao abandonar esses métodos, o professor assume uma posição de facilitador no processo de aprendizagem (MAZUR, 1996).

Há, desta forma, a necessidade de “envolver o aluno enquanto protagonista de sua aprendizagem, desenvolvendo ainda o senso crítico diante do que é aprendido, bem como competências para relacionar esses conhecimentos ao mundo real” (DA SILVA PINTO et al., 2012, p.78). O método ativo, portanto, promove a identificação do aluno com a situação estudada (MAYER, 2012; BERBEL, 2011).

O professor, portanto, não é visto mais como o detentor único do conhecimento e o estudante não tem mais a postura passiva diante desse processo. Com a aplicação dessas metodologias, o aluno pode assumir uma postura ativa, exercitando seu poder de argumentação, desenvolvendo o senso crítico e o pensamento divergente diante daquilo que é aprendido (DA SILVA PINTO et al., 2012; BERBEL, 2011).

As metodologias ativas, ao contrário das tradicionais, envolvem ativamente os alunos no seu próprio processo de formação (“aprender fazendo”) (MITRE et al. 2008), buscando primeiro a prática e, a partir dela, chegar à teoria (ABREU, 2009). Com isso, estimulam-se os sentimentos de engajamento, percepção de competência e de pertencimento, além da persistência nos estudos (BERBEL, 2011).

Essa postura, dá ao aluno a possibilidade de manifestar-se, discordar, concordar, e construir junto. Desperta o desejo de conquista, iniciativa, investigação, criação (criatividade) e responsabilidade (BERBEL, 2011). Ou seja, o estudante está o tempo todo sendo estimulado a pensar. Isso permite que ele tenha uma visão crítica e construtiva.

O uso de metodologias ativas exige, tanto do aluno quanto do professor, utilizar-se da inovação, transcendendo a abordagem tradicional em sala de aula. O professor nesse contexto está como a figura de facilitador e mediador do conhecimento. Não é mais a figura de transmissor do conhecimento em sala de aula.

Além de impulsionar a autonomia dos discentes, tais metodologias podem promover o desenvolvimento de competências essenciais para que atuem no setor, tornando-os mais proativos e preparados para a tomada de decisões em situações de incertezas (BRANDÃO et al., 2014). Contudo, a implementação de métodos de ensino mais participativos traz uma série de dificuldades e desafios para os docentes, discentes, e para as próprias instituições de ensino também, como discutido a seguir.

3. Dificuldades e Desafios para a Implementação de Metodologias Ativas

Ao discutir sobre a necessidade de renovação no ensino e na pesquisa em Turismo e Hospitalidade, Dencker (2005) enfatizou o processo de globalização e o rápido acesso à informação como elementos centrais que trouxeram novos desafios ao papel tradicional dos professores. Como destaca a autora, as demandas por novas competências e a premência de uma educação continuada e interdisciplinar, exigem dos professores dessas áreas uma reflexão sobre suas práticas educativas. Como resultado disso, Dencker (2005) afirma que é provável que a postura de alguns alunos de desinteresse ou descrédito não seja resultante dos conhecimentos transmitidos, mas da forma como eles vêm sendo ministrados nas universidades.

Todavia, a implementação de metodologias ativas não ocorre sem resistências, posto que se trata de um processo complexo que implica em dificuldades e desafios para todos os envolvidos.

Em uma pesquisa realizada por Seixas et al. (2017) junto à docentes do curso de Turismo de uma IES, algumas dificuldades foram apontadas para a implementação de metodologias ativas de ensino, considerando a relação professor-aluno em sala de aula. Dentre as mesmas, os professores mencionaram: a falta de motivação dos alunos para participarem das atividades desenvolvidas; a incapacidade em relacionar o conteúdo visto em sala de aula com situações reais da vida profissional futura; o desafio para estimular o compromisso com a leitura dentre os estudantes; o fato de que alguns educandos têm dificuldade em ler e escrever, além de outras limitações básicas; a ausência de disposição de alguns discentes para refletir sobre problemas e questões suscitadas; certas carências de conhecimentos prévios sobre a área do curso; desconhecimento sobre as possíveis áreas de atuação; e os casos em que os universitários não têm (ou acreditam não ter) vocação para atuar no turismo.

Outros desafios enfrentados pelos docentes de diversas áreas, e identificados em pesquisas realizadas previamente consistem em: fazer com que os discentes percebam a importância do conteúdo trabalhado em sala de aula, e envolver os alunos, comprometendo-os com a disciplina (SEIXAS et al., 2017; BORGES; ALENCAR, 2014); lidar com a falta de conhecimento prévio de alguns estudantes que não leem sobre os conteúdos a serem discutidos durante as atividades propostas (SOUZA, 2012); e estimular uma participação efetiva nas discussões em sala de aula, devido à resistência de alguns acadêmicos para serem mais proativos em sua aprendizagem (BORGES; ALENCAR, 2014; KONOPKA et al., 2015).

Um aspecto relevante mencionado como obstáculo para a utilização das metodologias ativas consiste também na relutância ao próprio método de ensino, considerando que alguns entendem que o professor não “dará mais aula”, devido à mudança de foco para o educando na condução do processo de ensino-aprendizagem (GEWEHR et al., 2016). É comum ainda que alguns alunos sintam dificuldade para trabalhar em equipe, e uns acabam não participando de determinadas etapas, influenciando negativamente a dinâmica grupal (SOUZA, 2012).

Além disso, deve-se considerar, sobretudo, que cada aluno é único, e responde de modo particular às diferentes atividades (GEWEHR, et al., 2016). Isso torna o processo de ensino mais complexo, uma vez que se faz essencial conhecer o estilo de aprendizagem individual de cada discente.

Como explica Kolb (2005, p. 2), “a aprendizagem é um processo holístico de adaptação ao mundo. Não é apenas o resultado da cognição, mas envolve o funcionamento integrado da

pessoa total - pensar, sentir, perceber e se comportar”. E segundo o modelo da Teoria de Aprendizagem Experiencial desenvolvido por este autor, o ciclo de aprendizado idealizado varia de acordo com o estilo de aprendizagem e o contexto de formação de cada indivíduo (KOLB, 2005).

Outros desafios identificados relacionam-se com as limitações de alguns professores com relação ao entendimento dessa proposta de ensino. Como a existência de situações nas quais os docentes têm domínio sobre a temática, mas não conseguem encontrar uma forma apropriada de abordá-la do ponto de vista metodológico, ou quando enfrentam dificuldades para a mudança de mentalidade e de cultura necessária para o processo de adoção de métodos mais participativos (SEIXAS et al., 2017; BORGES; ALENCAR, 2014; SOUZA, 2012).

Com relação aos desafios impostos pelas infraestruturas das IES, alguns docentes relatam como problemas para a aplicação de métodos mais ativos: a falta de recursos, materiais e equipamentos de apoio; algumas atividades exigem uma distribuição de espaço de trabalho diferente do que existe nas universidades (como salas de aulas com configurações diferenciadas); e certas estratégias de ensino demandam um aumento por recursos de informática e bibliográficos (KONOPKA et al., 2015; SOUZA, 2012).

Face ao exposto, torna-se oportuno o desenvolvimento de estudos que contribuam para conhecer melhor tanto as possíveis contribuições que tais metodologias podem trazer para o ensino nas áreas de Turismo e Hotelaria, assim como, para identificar as dificuldades e desafios mais enfrentados pelos docentes para sua aplicação na prática. Para alcançar este propósito, os procedimentos metodológicos adotados na presente pesquisa são apresentados a seguir.

4. Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, do tipo exploratória e postura interpretativista é adequada para a compreensão de fenômenos sociais e para “grupos dos quais se dispõe de pouca informação” (RICHARDSON, 1985, p. 80).

Constituiu o universo de pesquisa os professores que ministram disciplinas nos cursos de Turismo e Hotelaria da UFPB. A amostra foi composta por um grupo de dezessete professores que responderam aos questionários, estando alguns destes presentes em um curso que foi ofertado sobre metodologias ativas, nos dias 1 e 5 de abril de 2019, com carga horária total de 6 horas.

Na coleta de dados, optou-se pela triangulação a partir de duas fontes: observação participante e aplicação de questionários *online* (com cinco questões abertas e cinco fechadas, referentes ao perfil dos participantes). A triangulação de dados permitiu a coleta “em diferentes períodos e de fontes distintas de modo a obter uma descrição mais rica e detalhada dos

fenômenos” (ABDALLA, 2013, p. 4), enriquecendo a compreensão do objeto de estudo a partir da utilização de abordagens múltiplas (GÜNTHER, 2006).

A observação participante foi realizada durante um minicurso oferecido para os professores dos cursos analisados, onde foi possível registrar, através de diários de campo, as discussões e experiências em metodologias ativas por parte dos sujeitos pesquisados. O curso contou com a participação de doze professores. Neste caso, foi utilizada a observação participante aberta, mediante autorização prévia.

Optou-se também pela aplicação de um questionário *online* elaborado por meio do *Google Forms*, enviado por *e-mail* e/ou por *WhatsApp* para todos os docentes dos cursos em questão. Respeitando a preferência de cada docente, estes poderiam responder as questões por escrito (no próprio questionário), ou por meio de áudios enviados via *WhatsApp*. A coleta ocorreu no período de 28 de maio a 19 de junho de 2019. Os áudios enviados foram transcritos.

Para participar da pesquisa, os professores concordaram com um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e garantiu-se o anonimato de suas respostas. As perguntas do questionário *online* foram formuladas para: identificar as metodologias de ensino utilizadas pelos professores dos cursos analisados; verificar se os mesmos possuem conhecimento sobre o que seriam tais metodologias; compreender as principais dificuldades atuais enfrentadas em sua utilização pelos docentes que já possuem experiência com essa forma de ensino; verificar os possíveis desafios que os docentes acreditam que irão enfrentar ao implementarem futuramente tais metodologias; e conhecer a percepção dos participantes sobre as contribuições que essas metodologias podem ter para a melhoria da qualidade do ensino nas áreas de Turismo e Hotelaria.

No tratamento dos dados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo categorial, buscando codificar os dados, oriundos dos questionários e dos diários de campo, em categorias e subcategorias que auxiliassem a compreensão dos discursos (BARDIN, 2016; SILVA; FOSSÁ, 2015).

Para a análise dos dados, algumas categorias foram definidas *a priori*, com base nas pesquisas apresentadas na revisão teórica, sendo classificadas em dois grandes temas: 1) Contribuições para a qualidade do ensino (Quadro 1); e 2) Dificuldades e desafios na implementação de metodologias ativas (Quadro 2). As contribuições identificadas foram organizadas em duas categorias, conforme exposto no Quadro 1:

Quadro 1: Contribuições para a qualidade do ensino

Categoria 1: Contribuições para a melhoria das aulas	
Subcategorias	Autores/Fontes

Identificação com o assunto e pertencimento	Mayer (2012); Berbel (2011)
Novas ideias e conhecimentos	Mayer (2012); Mitre et al. (2008); Berbel (2011); Soares et al. (2017); Nicolaides (2012);
Curiosidade	Berbel (2011); Soares et al. (2017); Borges e Alencar (2014)
Solução de desafios	Berbel (2011); Soares et al. (2017)
Persistência	Berbel (2011)
Postura crítica e reflexiva	Da Silva Pinto et al. (2012); Berbel (2011); Soares et al. (2017); Borges e Alencar (2014)
Relacionar teoria e prática	Da Silva Pinto et al. (2012); Soares et al. (2017)
Aprender fazendo	Mitre et al. (2008); Berbel (2011); Soares et al. (2017)
Proatividade, autonomia e criação	Berbel (2011); Soares et al. (2017); Borges e Alencar (2014)
Confirmação (ou reformulação) de crenças e valores	Berbel (2011)
Categoria 2: Contribuições para o desenvolvimento de competências dos alunos	
Subcategorias	Autores/Fontes
Julgamento e tomada de decisões	Mayer (2012); Borges e Alencar (2014)
Engajamento e competência	Berbel (2011)
Melhoria na compreensão	Konopka et al. (2015)
Desenvolve habilidades interpessoais e de equipe	Nicolaides (2012)

Fonte: Elaboração própria (2019).

Já as dificuldades e desafios foram organizados considerando quatro categorias mais abrangentes, como pode ser visualizado no Quadro 2:

Quadro 2: Dificuldades e desafios na implementação de metodologias ativas

Categoria 1: Dificuldades na relação docente-discentes (limitações para engajar os alunos)	
Subcategorias	Autores/ Fontes
Falta de motivação	Seixas et al. (2017)
Desconexão entre teoria e prática	Seixas et al. (2017)
Falta de percepção da relevância do assunto	Seixas et al. (2017); Borges e Alencar (2014)
Carência de conhecimentos e de conexão com a área	Seixas et al. (2017)
Falta de disposição para refletir	Seixas et al. (2017)
Falta de estímulo para leitura	Seixas et al. (2017)
Dificuldades para ler e escrever	Seixas et al. (2017)
Falta de conhecimento prévio	Souza (2012)
Ensino complexo e estilo de aprendizagem individual	Gewehr, et al. (2016)
Resistência para participar e ser proativo	Borges e Alencar (2014); Konopka et al. (2015)
Resistência às metodologias ativas	Gewehr et al. (2016)
Dificuldade para trabalhar em grupo	Souza (2012)
Categoria 2: Dificuldades de implementação para os docentes	
Subcategorias	Autores/ Fontes
Limitações do docente para aplicar novas metodologias	Seixas et al. (2017); Borges e Alencar (2014); Souza (2012)
Democratizar o processo educativo	Borges e Alencar (2014)
Contextualizar o conteúdo	Borges e Alencar (2014)
Aplicação em turmas grandes	Konopka et al. (2015)
Administração do tempo pelo docente	Konopka et al. (2015); Souza (2012)
Dificuldade para avaliar e controlar	Souza (2012)
Categoria 3: Dificuldades com relação a estrutura acadêmica e administrativa da universidade	
Subcategorias	Autores/ Fontes
Docentes de várias áreas	Seixas et al. (2017)
Falta de planejamento colaborativo entre docentes	Seixas et al. (2017)
Falta de interação entre docentes	Seixas et al. (2017)

Categoria 4: Dificuldades relacionadas a infraestrutura, recursos e equipamentos	
Subcategoria	Autores/ Fontes
Falta de infraestrutura e/ou materiais de apoio	Konopka et al. (2015); Souza (2012)

Fonte: Elaboração própria (2019).

Uma categoria e algumas subcategorias foram identificadas a partir dos dados coletados, e encontram-se listadas na discussão dos resultados da pesquisa (Quadros 4 e 5). Os resultados da análise e interpretação dos dados são discutidos a seguir.

5. Descrição e Análise dos Dados da Pesquisa

A partir da análise dos questionários, constatou-se que a maioria dos professores que participaram da pesquisa ministram aulas, exclusivamente, no curso de Turismo (sete) ou em Hotelaria (cinco). Apenas um professor afirmou ministrar aulas nos dois cursos, e quatro afirmaram ministrar aulas nos curso de Turismo e/ou Hotelaria, além de outros cursos da universidade.

Cinco participantes afirmaram que ministram aulas nos cursos de Turismo ou Hotelaria há mais de 10 anos, quatro até 10 anos, seis até 5 anos, e dois até 1 ano. Dentre os sujeitos pesquisados, nove possuem doutorado, e oito são mestres.

Como os dois cursos são considerados interdisciplinares, as áreas de formação dos professores que participaram da pesquisa variam bastante, sendo graduados em: Turismo (9), Hotelaria (2), Administração (3), Biologia (1), Contabilidade (1) e Economia (1). E com pós-graduação em: Sociologia, Recursos Naturais, Engenharia da Produção, História, Geografia, Educação, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Design de Sustentabilidade, Administração, Contabilidade e Turismo (considerando especialização, mestrados, doutorados e pós-doutorado citados).

No que se refere às metodologias de ensino adotadas pelos professores destaca-se que a maioria citou que utiliza aulas expositivas dialogadas, além de outras estratégias, sendo este método sempre associado a pelo menos uma outra estratégia de ensino. Apenas três professores não citaram aulas expositivas, sendo que um deles respondeu que utiliza metodologias ativas sem detalhar de quais se tratavam, e outro detalhou apenas as metodologias ativas que utilizava.

Além das aulas expositivas, são utilizados pelos professores: seminários, visitas técnicas, confecção de jogos didáticos pelos alunos, estudos de caso e pesquisa, leituras e discussão de textos (em grupo e individuais), utilização de vídeos e filmes, planejamento de eventos, análise crítica, *quizzes* com aplicativo digital (Kahoot!), trabalhos em grupo, caderno de memória, painel de notícias, debates em sala de aula, resolução de problemas, elaboração de projetos, júri simulado, encenação, dinâmicas em grupo, quebra cabeça, e “combinação de

design thinking com algumas outras metodologias para desenvolvimento de projetos”. Isto revela que os professores, no geral, mesclam as aulas expositivas com estratégias colaborativas e inovadoras de ensino (metodologias tradicionais e ativas).

Quando questionados se conheciam o termo “metodologias ativas” todos os professores responderam que sim, mas alguns explicaram que ouviram falar apenas do termo, sem maiores aprofundamentos. Todavia, vale ressaltar que o questionário foi aplicado após a realização do *workshop* de metodologias ativas e, por isso, alguns professores citaram que este momento foi o primeiro contato com o tema:

Apenas dois professores declararam que conheceram o termo metodologias ativas através de cursos de pós-graduação. Um terceiro citou que teve contato com várias estratégias não tradicionais de ensino na disciplina “didática de ensino superior”, que cursou em um período de doutorado no exterior, embora o termo utilizado não fosse esse. Alguns professores também relataram que conheceram o termo através de um colega de trabalho, que já utiliza metodologias ativas e tem compartilhado experiências e livros com os demais interessados, além de coordenar um projeto de monitoria sobre o tema.

As respostas demonstram ainda que muitos professores já utilizavam algumas metodologias ativas, porém, alguns deles as aplicavam de forma intuitiva, sem um estudo aprofundado sobre o tema.

Percebe-se nas respostas que as metodologias ativas são conhecidas e utilizadas pelos professores dos cursos de Turismo e Hotelaria. Isso mostra o interesse do professor em levar para a sala de aula novos métodos que auxiliem na aprendizagem do aluno, corroborando com o entendimento de Berbel (2011).

5.1 CONTRIBUIÇÕES DAS METODOLOGIAS ATIVAS DE ENSINO

Em relação às contribuições que as metodologias ativas podem ter para a melhoria do ensino nos cursos de Turismo e Hotelaria, constatou-se o aparecimento das subcategorias já mencionadas na revisão teórica (Quadro 1), bem como, o surgimento de novas (Quadro 3). A partir dos dados analisados, surgiu também uma terceira categoria, intitulada de “Contribuições para a melhoria da prática dos professores”, como pode ser visualizado no Quadro 3.

Quadro 3: Novas contribuições para a qualidade do ensino (resultantes da pesquisa)

Categoria 1: Contribuições para a melhoria das aulas
Interação entre professor e aluno
Estimular a participação do aluno
Satisfação do aluno em sala de aula
Categoria 2: Contribuições para o desenvolvimento de competências dos alunos
Confiança

Categoria 3: Contribuições para a melhoria da prática dos professores
Compartilhamento de informações entre professores
Importância do trabalho em equipe

Fonte: Elaboração própria (2019).

A maior parte das contribuições elencadas pelos docentes foi em relação a Categoria 1. As contribuições citadas com maior frequência foram: aprender fazendo, novas ideias e conhecimentos, proatividade, autonomia e criação, identificação com o assunto e pertencimento, solução de desafios, e relacionar teoria e prática. Estas respostas corroboram com as pesquisas já realizadas por Mitri et al. (2008); Berbel (2011); Soares et al. (2017); Mayer (2012); Soares et al. (2017); Nicolaidis (2012); Borges e Alencar (2014); Da Silva Pinto et al. (2012). Algumas das respostas a seguir dos professores comprovam essas constatações.

“Eles também podem buscar e se interessam muitas vezes em buscar a informação”.

“Quanto mais o educando se sentir parte do processo de ensino-aprendizagem maiores contribuições poderá trazer para a melhoria da qualidade do ensino”.

“Tornar protagonistas do seu aprendizado”.

“Capacidade de solucionar problemas a partir do conhecimento absorvido”.

Outras contribuições foram citadas como: interação entre professor e aluno, curiosidade, postura crítica e reflexiva, estimular a participação do aluno, e satisfação do aluno em sala de aula. Esses achados corroboram com as pesquisas de Berbel (2011); Soares et al. (2017); Borges e Alencar (2014); Da Silva Pinto et al. (2012). Os trechos a seguir demonstram tais contribuições:

“A sua importância se fundamenta principalmente em buscar desenvolver no educando o pensamento crítico.”

“Através da aplicação dessas metodologias, desperta o interesse no aluno em busca do conteúdo abordado em sala de aula”.

As respostas mostram ainda que os dados corroboram com as afirmações de Souza et al. (2014) quando afirmam que há uma migração do ensinar para o aprender, a mudança do foco do docente para o aluno, que assume a responsabilidade pelo seu aprendizado.

Em relação às contribuições para o desenvolvimento de competências dos alunos (Competência 2) a maior parte das subcategorias enumeradas pelos participantes da pesquisa foram: desenvolvimento de habilidades interpessoais e de equipe, melhoria na compreensão, e julgamento e tomada de decisões. As respostas dos professores estão alinhadas com as pesquisas de Nicolaidis (2012); Konopka et al. (2015); Mayer (2012); Borges e Alencar (2014). Os trechos a seguir comprovam, dizendo:

“Estimula a criatividade em discentes e no docente”.

“Ensina os alunos a trabalhar em grupo”.

Outras contribuições foram mencionadas ainda para a melhoria das competências do aluno. Confiança, engajamento e competência foram itens citados em menor quantidade pelos docentes. As pesquisas de Berbel (2011) corroboram com as falas dos professores, que dizem:

“[...] a maior participação dos alunos em sala de aula, através de modelos não convencionais”.

“Desenvolve a confiança”.

A análise das contribuições relacionadas ao desenvolvimento de competências pelos alunos vai ao encontro dos estudos de Koch (2002), quando o autor afirma que o aluno deve saber entender sua realidade, e deve estar preparado para “ler o mundo”. Primeiro o seu mundo, e depois os demais. Ao professor cabe a tarefa de despertar no aluno uma atitude crítica diante da realidade que ele está inserido. Ou seja, o professor é, antes de tudo, alguém que indica um norte, dando ao aluno a possibilidade de escolher os diversos caminhos que se apresentam a ele.

As contribuições referentes à melhoria da prática dos professores (Categoria 3) emergiram como novas subcategorias a partir das respostas dos professores. Essas contribuições citadas pelos docentes não estavam presentes na literatura estudada. As contribuições mais citadas foram: o compartilhamento de informações entre os professores quando se trata da aplicação de metodologias ativas, e a importância do trabalho em equipe.

Analisando essas subcategorias a partir dos dados encontrados nas respostas dos professores, pode-se concluir que assim como o aluno é convidado a trabalhar em equipe, interagindo com seus colegas e com os professores, também o docente tem essa necessidade quando utiliza de métodos ativos em sala de aula. A interação entre seus pares e a troca de informações sobre a metodologia utilizada, permite aos professores falar de suas experiências em sala de aula, contribuindo com a aplicação desses métodos na prática docente entre colegas.

5.2 DIFICULDADES E DESAFIOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE METODOLOGIAS ATIVAS NOS CURSOS

A partir da análise das respostas dos docentes às questões pertinentes às dificuldades enfrentadas (pelos que possuem experiência prévia com a implementação das metodologias ativas), e aos desafios futuros (para a os que pretendem começar ou continuar a utilizar tais metodologias), constatou-se a confirmação de algumas subcategorias já apresentadas em estudos anteriores (Quadro 2), bem como, o surgimento de novas subcategorias, organizadas no Quadro 4.

Quadro 4: Dificuldades e desafios na implementação (resultantes da pesquisa)

Categoria 1: Dificuldades na relação docente-discentes (limitações para engajar os alunos)
Administração do tempo pelo discente
Limitações para participar por timidez ou desvalorização da atividade
Falta de letramento digital
Participação apenas atrelada à nota
Emoções interferem na participação (ansiedade)
Necessidade de desenvolver competências comportamentais
Dificuldade em assimilar os conteúdos
Algumas atividades geram competitividade excessiva entre os discentes
Carência na formação básica
Desconhecimento prévio da atividade prática
Categoria 2: Dificuldades de implementação para os docentes
Falta de formação para os docentes sobre as metodologias ativas
Julgamento por outros docentes que não compreendem as metodologias
Necessidade de inovar constantemente nas práticas de ensino
Aplicação em turmas pequenas
Categoria 3: Dificuldades com relação a estrutura acadêmica e administrativa da universidade
Falta de apoio de outros docentes para que os alunos participem de eventos promovidos no(s) curso(s)
Categoria 4: Dificuldades relacionadas a infraestrutura, recursos e equipamentos
Falta de recursos para atividades externas
Falta de equipamentos de informática

Fonte: Elaboração própria (2019).

Dentre os 17 professores que responderam aos questionários, apenas um afirmou que não vê dificuldades, nem desafios, para a aplicação desse tipo de método de ensino. Outro não respondeu à questão sobre dificuldades, por não utilizar ainda tais metodologias. E um terceiro docente, apesar de considerar relevante a aplicação de metodologias mais ativas, acredita que não fará uso das mesmas, conforme revelou:

“Eu não aplico esse tipo de metodologias, mesmo considerando elas um bom recurso para quem tem aptidão para fazer esse tipo de abordagem”.

A maior parte das dificuldades enumeradas pelos docentes dizem respeito às limitações encontradas por eles para engajar os alunos nas atividades propostas (Categoria 1). As dificuldades citadas com maior frequência foram: resistência às metodologias ativas, resistência para participar e ser proativo, a complexidade do ensino, considerando o estilo de aprendizagem individual de cada estudante, e a falta de motivação. Este quadro de resistência, falta de motivação, além da diversidade de estilos de aprendizagem, confirma o que foi constatado nas pesquisas de Seixas et al. (2017), Borges e Alencar (2014), Konopka et al. (2015) e Gewehr et al. (2016). Alguns trechos retirados dos questionários respondidos referenciam as dificuldades supracitadas:

“E continuar tentando identificar os perfis das pessoas pra adequar a tecnologia mais interessante pra aquele grupo. Eu acredito que vai sempre ser um desafio porque varia muito, e às vezes a disciplina tem muita gente diferente, com diferentes perfis, e com diferentes vontades e aptidões de participar. Então eu acredito que isso também sempre será um desafio”.

“Talvez o grande desafio seja tornar a leitura um hábito e conscientizar o educando sobre o seu protagonismo no processo de ensino-aprendizagem”.

Outras questões como a falta de compreensão dos alunos em relacionar teoria e prática, dificuldades para ler e escrever, e para trabalhar em grupo, e indisposição para refletir também foram mencionadas, confirmando os resultados das pesquisas de Seixas et al. (2017) e Sousa (2012). Os trechos a seguir ilustram tais dificuldades:

“O grande desafio é fazer o aluno pensar, ler e escrever para desenvolver alguma atividade que necessite de raciocínio e de associação lógica”.

“Então o maior desafio eu acredito que é eles verem que o mundo é outro, e quanto mais eu buscar descobrir, etc. ir atrás, eu vou ter maiores ganhos pra minha formação profissional”.

Todas essas dificuldades enumeradas até o momento, foram citadas também como desafios futuros por alguns docentes que pretendem adotar as metodologias ativas em suas disciplinas. A carência de conhecimentos prévios relacionados às áreas de Turismo e Hotelaria foi mencionada por um único docente, assim como, a falta de estímulo para leitura foi referenciada apenas uma vez como um desafio futuro para quem deseja adotar algum tipo de metodologia ativa. Tais dificuldades também foram mencionadas por professores do curso de Turismo da UFRN, entrevistados por Seixas et al. (2017).

Percebe-se a partir dos dados coletados, a importância de se levar em consideração os estilos de aprendizagem dos alunos de determinada turma, antes de planejar as atividades que serão aplicadas nas disciplinas, conforme proposto no modelo desenvolvido por Kolb (2005). E como ressaltaram Gewehr et al. (2016), torna-se igualmente essencial considerar as particularidades dos estudantes e suas limitações na definição dos métodos de ensino. Isto porque, conforme constatado, tais limitações para o engajamento dos alunos podem ser resultantes de aspectos deficitários na educação básica (como as dificuldades para ler e escrever), de experiências de aprendizagem anteriores (como a própria resistência às metodologias ativas), assim como, podem envolver aspectos emocionais ou comportamentais (como a resistência para participar e ser proativo, a dificuldade para trabalhar em grupo, ou a falta de disposição para refletir).

Algumas subcategorias novas surgiram a partir da pesquisa, dentre elas: dificuldade na administração do tempo pelo discente; limitações para participar por timidez ou desvalorização da atividade; falta de letramento digital; participação apenas atrelada à nota; emoções que interferem na participação (como a ansiedade); necessidade de desenvolver competências comportamentais; dificuldade em assimilar os conteúdos; algumas atividades geram competitividade excessiva entre os discentes; carência na formação básica; e desconhecimento prévio da atividade prática. Alguns trechos a seguir exemplificam as subcategorias supramencionadas:

“Ao mesmo tempo que eles acham interessante ter uma metodologia mais ativa porque é mais atraente, as vezes eles ficam intimidados, com vergonha, perdem a motivação no meio do caminho, às vezes não conseguem compreender o objetivo final porque ficam ansiosos para saber porque tá fazendo determinada coisa antes de realmente chegar no final”.

“Se não tiver nota, eles não participam”.

“Outro desafio também que tem é porque eles precisam dedicar um tempo que é fora da sala de aula pra realização das metodologias ativas, tipo alguma proposta. E eles não querem ou eles não querem ou eles alegam que não tem tempo porque trabalham.

Com relação às dificuldades dos docentes para implementar as metodologias ativas (Categoria 2), mencionou-se principalmente a limitação pessoal para aplicar novos métodos de ensino, corroborando com as pesquisas de Seixas et al. (2017), Borges e Alencar (2014) e Souza (2012). E como desafios futuros, foram citados aspectos como a administração do tempo pelo docente para a condução das atividades, e a necessidade de contextualização do conteúdo, aproximando-o à realidade dos acadêmicos. Estes resultados são condizentes com os estudos feitos por Konopka et al. (2015), Souza (2012) e Borges e Alencar (2014).

Novas dificuldades enumeradas pelos participantes da pesquisa foram: a falta de formação para os docentes sobre as metodologias ativas; o julgamento por outros docentes que não compreendem tais métodos; a necessidade de inovar constantemente nas práticas de ensino; e a aplicação de atividades em turmas pequenas. É interessante perceber que tais dificuldades relatadas apresentam correlação direta com as anteriores. O trecho a seguir ilustra o obstáculo causado pela falta de formação dos docentes sobre as metodologias:

“Uma dificuldade que eu vejo de metodologias ativas é que a gente não tem contato com elas, enquanto faz a universidade, ou enquanto faz estágio docência, essas coisas. E deveria ser um curso a ser dado pra todos os professores das graduações em geral e das pós graduações, e acaba que a gente não tem contato, então vai muito da personalidade do professor querer implementar algo mais dinâmico e gostar dessas coisas e mudar o tradicionalismo, e é você mesmo que tem que ir atrás”.

Constata-se que além da ausência de formação específica sobre metodologias de ensino, os docentes precisam lidar com pressões externas de outros colegas que não compreendem as atividades, e se sentem compelidos a inovar constantemente ou a fazer adaptações nos métodos planejados, conforme o tamanho ou perfil da turma.

Assim como verificado na pesquisa de Seixas et al. (2017), as dificuldades citadas com relação a estrutura acadêmica e administrativa da universidade (Categoria 3) foram: a ausência de planejamento colaborativo entre docentes, e a falta de interação entre os colegas. Outra dificuldade apontada relaciona-se à uma característica dos cursos de Turismo e Hotelaria, que consiste em desenvolver atividades práticas como a organização de eventos pelos discentes, por

exemplo. Sobre este tipo de atividade uma professora destacou a falta de apoio de outros docentes para que os alunos participem de eventos promovidos nos cursos.

Verifica-se que esta falta de colaboração, de interação e de apoio entre docentes, pode estar atrelada tanto à aspectos estruturais, quanto a própria configuração acadêmica das universidades federais. Isto deve-se a lotação dos docentes dos cursos de Turismo e Hotelaria em departamentos distintos, o que por vezes, pode colaborar para um certo distanciamento entre o corpo docente.

Sobre as dificuldades relacionadas a infraestrutura, recursos e equipamentos (Categoria 4), a mais citada pelos docentes refere-se a falta de infraestrutura e/ou de materiais de apoio. Algo que também foi mencionado como desafio futuro por aqueles que pretendem implementar metodologias ativas em suas turmas, e que ratifica os resultados das pesquisas realizadas por Konopka et al. (2015) e Souza (2012).

Dois aspectos reforçados por alguns docentes como obstáculos foram: a falta de recursos para atividades externas (visitas técnicas), e a ausência de equipamentos de informática no centro onde os cursos encontram-se lotados. Alguns trechos das respostas respaldam tais achados:

“As principais dificuldades, são: resistência encontrada para pôr em prática essa metodologia, falta de compreensão do aluno sobre a importância da metodologia no processo de ensino-aprendizagem, falta de apoio tecnológico e material didático da IES e carência de recursos para as atividades de campo”.

“Terceiro, as restrições orçamentárias e de funcionamento da universidade inviabilizam a adoção de novos métodos, como visitas técnicas capazes de conectar a realidade com a teoria”.

“A gente não tem nem, por exemplo, quando quer fazer alguma coisa com um jogo na internet, usando a internet a gente não tem nem internet no centro pra poder fazer, então não dá pra fazer”.

As informações coletadas durante a observação participante no minicurso onde estiveram presentes doze professores dos cursos de Turismo e/ou Hotelaria reforçam os resultados encontrados a partir dos questionários *online*. Após serem apresentados ao conceito de “metodologias ativas de ensino”, e sua contribuição para a aprendizagem profissional unindo teoria (formação acadêmica) e prática (ação profissional), os docentes do curso passaram a fazer comentários gerais sobre os discentes e a realidade atual dos cursos de Turismo e Hotelaria da UFPB. Na descrição e análise das principais observações, o foco consistiu nos relatos das dificuldades e dos desafios enfrentados.

Algo mencionado recorrentemente por alguns docentes foi a percepção de que os alunos não gostam de ler, e não gostam de ter muitas atividades que exijam uma participação mais

proativa, embora reclamem quando as aulas são muito expositivas. Tais informações coincidem com as constatações resultantes da análise dos questionários.

Uma docente afirmou que essa resistência às atividades também passaria pela questão da dificuldade com as tecnologias. Muitos alunos não possuiriam “letramento digital”, sendo necessário, por vezes, realizar oficinas básicas sobre como utilizar as tecnologias mais essenciais. Alguns docentes reconheceram o fato de que muitos estudantes não têm acesso às tecnologias, à Internet, etc., e a universidade não disponibiliza um laboratório com computadores e conexão para que eles possam ter este acesso no centro onde os cursos são ministrados.

Tais dificuldades relatadas pelos docentes, tanto a partir dos questionários, quanto do que foi debatido durante o minicurso, de certa forma, contradizem a percepção que os discentes possuem de si mesmos, conforme foi constatado na pesquisa realizada por Brandão et al. (2014), com 60 alunos de ambos os cursos da mesma universidade. As autoras verificaram que os discentes participantes da pesquisa, realizada em 2014, se consideravam autônomos, capazes de auto direcionar seu processo de formação, além de apresentarem níveis de independência para o desenvolvimento de competências.

Esta autopercepção dos estudantes há cinco anos atrás, aparentemente não reflete o quadro atual, uma vez que os relatos demonstram um processo de resistência às metodologias ativas, dentre outras dificuldades enumeradas pelos docentes dos cursos para a condução das atividades mais práticas e reflexivas.

6. Considerações Finais

As contribuições das metodologias ativas mais mencionadas remetem à melhoria das aulas, principalmente no tocante a aprender o conteúdo teórico, realizando alguma atividade de maneira ativa e participativa, e também quando surgem ideias e a produção de novos conhecimentos. Outras contribuições citadas foram em relação ao desenvolvimento de competências dos alunos, sobretudo, no que diz respeito ao aprimoramento de habilidades interpessoais e ao trabalho em equipe, além da melhoria na compreensão e na retenção de informações.

Há, portanto, a preocupação dentre os professores que colaboraram com a pesquisa, em diversificar as suas práticas em sala de aula, de modo que haja avanço no processo de aprendizagem, motivando o aluno a participar das aulas e a desenvolver suas habilidades, preparando-se para o mercado de trabalho cada vez mais exigente.

De forma geral, as dificuldades mais reportadas referem-se à relação discentes-docente, sobretudo, no que diz respeito a resistência dos alunos às metodologias ativas, e a necessidade de participarem de forma mais proativa.

Com relação aos docentes, verificou-se que a oferta de cursos sobre metodologias ativas ao longo de suas formações, poderia minimizar a dificuldade que os mesmos enfrentam ao aplicá-las.

Verificou-se ainda que a melhoria da infraestrutura e da disponibilização de recursos e de materiais de apoio, tornam-se iniciativas fundamentais para o aperfeiçoamento do ensino. Principalmente considerando que estes aspectos foram recorrentemente mencionados como desafios pelos professores, afetando inclusive a colaboração entre os pares.

Apesar das dificuldades ou desafios enumerados, as metodologias ativas de ensino-aprendizagem (como “sala de aula invertida”, simulação de papéis, desenvolvimento de portfólios, aprendizagem baseada em problemas, casos para ensino, painel de notícias, histórias em quadrinhos, jogos educativos/ criativos, método de projetos, oficinas/ *workshops*, explosão de ideias, técnica do fórum, análise de filmes e/ou de músicas, júri simulado, dentre outras), mostram-se apropriadas para abordar os rápidos avanços tecnológicos no setor de Turismo e Hotelaria, simular relações de trabalho, situações conflitantes, ou problemas que exijam atitudes decisórias, e que serão possivelmente vivenciadas no futuro profissional pelos discentes dessas áreas.

Vale esclarecer que este artigo não defende as metodologias ativas como perfeitas ou melhores que as metodologias tradicionais, mas sim como mais uma opção para auxiliar no ensino-aprendizagem, que é bastante útil no caso da andragogia. Contudo, destaca-se que este tipo de estratégia de ensino permite uma maior autonomia dos alunos e interação em sala de aula, tornando as aulas menos repetitivas e entediantes. Além disso, as metodologias ativas permitem que os alunos sejam protagonistas no processo de aprendizagem, e não apenas ouvintes e receptores de conhecimento.

Embora o estudo tenha trazido contribuições teóricas e práticas, resultando no surgimento de novas categorias e subcategorias dos temas abordados, e apresentando alternativas de metodologias ativas a serem aplicadas no ensino superior em Turismo e/ou Hotelaria, seus resultados não devem ser generalizados, uma vez que refletem a realidade específica analisada. Cabe a cada docente, portanto, planejar e conduzir as metodologias de ensino que considerem mais apropriadas para a aprendizagem de seus discentes (considerando as formas distintas de aprender), e de acordo com as diferentes situações didáticas e estruturais vigentes.

Esta pesquisa pode ser complementada por futuros estudos que possam analisar os tipos de aprendizagem dos alunos pesquisados, comparando-os com os métodos utilizados em cada disciplina, ou ainda, a partir de um novo recorte temporal, que possa verificar os avanços após a realização do curso de metodologias ativas citado anteriormente. Esta perspectiva temporal é importante para analisar o trabalho dos docentes ao longo dos anos, verificando as tendências metodológicas no ensino-aprendizagem, as dificuldades e as perspectivas futuras de aplicação.

Referências

ABRANJA, Nuno Alexandre. O empreendedorismo no ensino superior de turismo. Cogitur, **Journal of Tourism Studies**, 2008.

ABREU, José Ricardo Pinto de. **Contexto atual do ensino médico: metodologias tradicionais e ativas: necessidades pedagógicas dos professores e da estrutura das escolas**. 2009. Dissertação (Mestrado em Cardiologia e Ciências Cardiovasculares) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ABDALLA, Márcio Moutinho. A estratégia de triangulação: objetivos, possibilidades, limitações e proximidades com o pragmatismo. **VI Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade. Brasília/DF**, 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições, v. 70, p. 225. 1977.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências sociais e humanas**, v. 32, n. 1, p. 25-40, 2011.

BORGES, Tiago Silva; ALENCAR, Gidélia. Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior. **Cairu em revista**, v. 3, n. 4, p. 119-143, 2014.

BRANDÃO, Jammilly Mikaela Fagundes; CAVALCANTE, Erica Dayane Chaves; TEMOTEO, Joelma Abrantes Guedes. O processo de aprendizagem de alunos de turismo e hotelaria sob a perspectiva andragógica. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 8, n. 3, p. 531-551, 2014.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. A renovação no ensino e pesquisa em turismo e hospitalidade. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**. 2005.

FERRAZ, Serafim Firmo de Souza; LIMA, Tereza Cristina Batista; SILVA, Suely Mendonça de Oliveira. Contratos de aprendizagem: princípios andragógicos e ferramenta de gestão da aprendizagem. **XXVIII Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração (Enanpad). Anais eletrônicos... Curitiba: Anpad**, 2004.

GEWEHR, Diógenes et al. Metodologias ativas de ensino e de aprendizagem: uma abordagem de iniciação à pesquisa. **Ensino & Pesquisa**, v. 14, n. 01, 2016.

GUERRA, Cicero Jose Oliveira; TEIXEIRA, Aridélmo José Campanharo. Os impactos da adoção de metodologias ativas no desempenho dos discentes do curso de ciências contábeis de

instituição de ensino superior mineira. **Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade**, v. 10, n. 4, p. 380-397, 2016.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 22, p. 201-209, 2006.

KNOWLES, Malcolm S.; HOLTON, Elwood; SWANSON, Richard. The adult learner: the definitive classic in adult education and human resource development (6th). **Burlington, MA: Elsevier**, 2005.

KNOWLES, Malcolm S. et al. The modern practice of adult education: From pedagogy to andragogy (revised and updated). **Englewood Cliffs, NJ: Cambridge Adult Education**, 1980.

KNOWLES, Malcolm S. Self-directed learning: a guide for learners and teachers. 1975.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. Cortez Editora, 2002.

KOLB, Alice Y. The Kolb learning style inventory-version 3.1 2005 technical specifications. **Boston, MA: Hay Resource Direct**, v. 200, n. 72, p. 166-171, 2005.

KONOPKA, Clóvis Luís et al. Active teaching and learning methodologies: some considerations. **Creative Education**, v. 6, n. 14, p. 1536, 2015.

MAYER, Veronica Feder. Aplicações do Método caso em Sala de Aula. **Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas**, 2012.

MAZUR, Eric. **Peer instruction: A User's Manual**. Boston: Addison-Wesley, 1996.

MITRE, Sandra Minardi et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciência & saúde coletiva**, v. 13, p. 2133-2144, 2008.

NICOLAIDES, A. Innovative teaching and learning methodologies for higher education institutions. **Educational research**, v. 3, n. 8, p. 620-626, 2012.

DA SILVA PINTO, Antonio Sávio et al. Inovação Didática-Projeto de Reflexão e Aplicação de Metodologias Ativas de Aprendizagem no Ensino Superior: uma experiência com “peer instruction”. **Janus**, v. 9, n. 15, 2012.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

ROCHA, Henrique Martins; LEMOS, Washington de Macedo. Metodologias ativas: do que estamos falando? Base conceitual e relato de pesquisa em andamento. **IX Simpósio Pedagógico e Pesquisas em Comunicação**. Resende, Brazil: Associação Educacional Dom Boston, v. 12, 2014.

ROMANELLI, Lilavate I. O papel mediador do professor no processo de ensino-aprendizagem do conceito átomo. **Química nova na escola**, v. 3, p. 27-31, 1996.

SEIXAS, Eugênia Patrícia et al. Dificuldades e desafios na aplicação de metodologias ativas no ensino de turismo: Um estudo em Instituição de Ensino Superior. **Turismo-Visão e Ação**, v. 19, n. 3, p. 566-588, 2017.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**, v. 16, n. 1, 2015.

DA SILVA, Sheila Serafim; OLIVEIRA, Murilo Alvarenga; MOTTA, GUSTAVO DA SILVA. Jogos de empresas e método do caso: contribuições ao processo de ensino e

aprendizagem em administração. **Administração: ensino e pesquisa**, v. 14, n. 4, p. 677-705, 2013.

SOARES, Ana Maria Jerônimo; ALVES, Rodrigo Leone; TARGINO, Elma Núbia de Medeiros Araújo. Da teoria à prática: a formação do administrador contemporâneo dinamizada por metodologias ativas. **Revista Brasileira de Ensino Superior**, v. 3, n. 4, p. 36-58, 2017.

SOBRAL, Fernanda Ribeiro; CAMPOS, Claudinei José Gomes. Utilização de metodologia ativa no ensino e assistência de enfermagem na produção nacional: revisão integrativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 46, p. 208-218, 2012.

DE SOUZA, Carlos Dornels Freire; ANTONELLI, Bruna Angela; DE OLIVEIRA, Denilson José. Metodologias ativas de ensino aprendizagem na formação de profissionais da saúde. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 14, n. 2, p. 659-677, 2016.